

**ESCRITA EMBUTIDA NA MATÉRIA, CONDENSADA
NO OBJETO. ESCRITA ARTIFICIAL,
INSTANTÂNEA E VIRTUAL**

**WRITING EMBEDDED INTO MATTER, CONDENSED
IN THE OBJECT. WRITING ARTIFICIAL,
INSTANTANEOUS, AND VIRTUAL**

¹ Pesquisadora autônoma |
Campinas, SP, Brasil | E-mail:
<marty.yuly@gmail.com>.

Artigo elaborado a partir da
tese de Y. M. L. CARVALHO,
intitulada "Série artificial
de palavras". Universidade
Estadual de Campinas, 2020.

Yuly Marty Locatto de Carvalho¹
ORCID iD: [0000-0002-2121-4281](https://orcid.org/0000-0002-2121-4281)

RESUMO

Na contemporaneidade, as artes gráficas desempenham um papel fundamental nas práticas artísticas, destacando métodos e ferramentas tradicionais de impressão alinhados às novas tecnologias digitais. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é refletir sobre questões operacionais e metodológicas da minha produção, marcada pela presença da palavra escrita e suas formas de impressão, que não se limitam a uma folha de papel. Para isso, apresento o trabalho *Mundo escrito e mundo não escrito*, que acontece em três formatos: instalação, obra-texto-digital e livro-objeto. Reflete-se, assim, sobre a presença da palavra escrita nesses trabalhos, que se evidencia através de processos gráficos como a serigrafia e a escrita manuscrita, bem como a escrita digital.

Palavras-chave

Arte digital. Arte gráfica. Impressão. Livro de artista. Palavra escrita.

ABSTRACT

The graphic arts perform a fundamental role in artistic practices on contemporaneity, highlighting methods and traditional printing tools aligned with new digital technologies. The aim of the article, in this sense, is consider about operational and methodological issues of my work, pronounced by the presence of written words and its printing ways, which are not limited to a paper sheet. I present the work "Written world and unwritten world", which takes place in three formats: "installation", "digital-text-work" and "object book". Therefore, we think about the presence of written word on these works, which is evidenced through graphic procedures such as serigraphy and handwritten writing as well as digital writing.

Keywords

Digital art. Graphic art. Printing. Artist's book. Written word.

Como citar este artigo
How to cite this article

Carvalho, Y. M. L. Escrita
embutida na matéria,
condensada no objeto. Escrita
artificial, instantânea e virtual.
Pós-Limiar, v. 4, e215052, 2021.
<https://doi.org/10.24220/2595-9557v4e2021a5052>

Recebido em 4/8/2020,
reapresentado em 19/10/2020
e aprovado em 22/10/2020

INTRODUÇÃO

O computador constitui a base de uma gramática formal desenvolvida por nós, artistas, sem que necessariamente utilizemos ferramentas digitais, “já que estas são, de qualquer modo, parte integrante de nossa forma de pensar e representar, de tratar e transferir informações” (Bourriaud, 2011, p. 135). Desde o ano 2015 venho realizando uma série de obras-textos-digitais que incluem procedimentos estéticos metafóricos e/ou repetitivos segundo o contexto, seja no uso de um texto curto, um texto adicionado, textos documentais, textos nítidos, opacos ou em estilos diferentes; formais, informais, concisos, poéticos e/ou desordenados. A urgência em definir um lugar para veicular e/ou expor esses trabalhos me levou à criação do site <www.serieartificialdepalabras.com> – lugar de experimentação conceitual com palavras que atuam sob a sintaxe de navegação –, que nasce e se constitui como um “contenedor” de experiências a fim de refletir de que maneira as obras que ali se encontram podem movimentar-se nesse espaço, transmutando outras materialidades e/ou aderindo a elas. Essas mudanças de direção derivam de instalações, impressos, livros de artista ou, também, podem surgir da redistribuição de textos, frases ou palavras da minha produção tridimensional, configurando uma correspondência. Assim, minha pesquisa artística é marcada pela presença da palavra escrita, que deriva de um conjunto de obras-textos que transitam entre o espaço digital e o tridimensional.

Observo que o sentido de trânsito está presente no conjunto e na unidade dos trabalhos, já que cada um deles, nesses deslocamentos, torna-se uma extensão de si mesmo ao transitar por diferentes processos gráficos. Na passagem do espaço digital para o tridimensional ou vice-versa, interessa-me explorar o potencial da combinação de tela, papel, instalação, livro-objeto, livro de artista e, sob essa perspectiva múltipla, assumir níveis de mistura e combinação. Reflito, então, sobre esse espaço de navegação, que entendo ser inerente ao mundo em que vivemos e que, sem dúvidas, produz efeitos na arte contemporânea.

No meu processo de trabalho, uma necessidade é imposta no momento da criação. O que eu faço nesse momento? Quais são as ferramentas disponíveis que atuam e influenciam meu fazer? Isso me leva a encarar o computador e tudo o que sua utilização implica, como um ateliê que me permite coletar e armazenar palavras, frases e textos que mais tarde utilizarei na composição de meus trabalhos. Esse lugar, ao coexistir com a internet, torna-se inesgotável e proporciona diferentes formas criativas de absorção e de assimilação por meio de ações baseadas na reelaboração de material visual pré-existente: integração, fusão, derivação, alteração, apropriação, copiar-colar, editar, entre outras.

Nesse processo surgem vários trabalhos, entre eles, *Mundo escrito* e *mundo não escrito*, no qual a presença da palavra escrita se evidencia através de processos gráficos como a escrita manuscrita e a serigrafia, bem como de sua permanência no ambiente digital. O interessante aqui é ver como técnicas e materiais considerados tradicionais coexistem com o digital sem que um anule o outro, mas enriquecendo o trabalho; um ir e vir através delas e entre elas.

OBRA TEXTO DIGITAL

Meu interesse no site <www.serieartificialdepalabras.com> recai, também, no fato dele ser um espaço autônomo “não traído pela reprodução, mas sim definida por sua reprodutibilidade” (Linker, 2008, p. 14); isso é, tem a qualidade de ser reprodutível, sendo possível reproduzir, exibir ou mostrar novamente o conteúdo na medida em que o site é acessado. Sua particularidade é influenciada “por fatores que vão além das esferas

artísticas" (Linker, 2008, p. 15) e, dessa maneira, o *site* se configura como um espaço "autônomo" que "contraria a lógica das galerias e museus", tornando-se um lugar permanente onde assumo, por assim dizer, o controle.

O espaço digital permite qualidades materiais em sua forma exclusiva, como *links* em tempo real ou a constante atualização de informação. Além disso, a imagem que contemplamos, seja na tela do computador ou do celular, é reproduzida no momento de cada uma de suas visualizações; ou seja, não há visualização do trabalho sem uma reprodução simultânea na tela do próprio espectador (Martín Prada, 2010).

As obras-textos são acessadas a partir de um índice que apresenta a lista dos trabalhos. É possível movimentar-se pelos trabalhos interagindo com eles através da paginação, dando saltos, evitando ou retomando as obras-textos do índice. Quem visita o *site* cria seu próprio percurso através das obras que coexistem tanto de forma individual como em série, afirmando uma leitura em várias orientações. A sequência criada é provavelmente o que determina sua caracterização; ou seja, as diferentes maneiras de apresentar a sensação de leitura, o tempo e o ritmo dessa leitura ou as demonstrações de uma repetição, assim como as combinações que elas formam, que originam movimentos não-lineares. O princípio de composição que estabeleço brinca com a aleatoriedade, pois não há uma ordem estrutural a ser seguida.

Uma das primeiras séries é *Mundo escrito e mundo não escrito*, que tem como referência a obra homônima de Ítalo Calvino. No entanto, seu corpo corresponde a palavras retiradas do texto *Um projeto de revista*, no qual Calvino discute o mundo editorial, listando uma série de tópicos que podem ser aplicados ao se escrever um texto literário. Escolho alguns desses temas, que motivam em mim uma necessidade de resposta por meio do trabalho artístico, e os transcrevo no computador, onde crio outros tópicos e introduzo novas palavras nas listas existentes. Estabeleço, assim, um paralelismo conceitual entre esses escritos, que interpreto de maneira subjetiva, materializando-os em três momentos: obra-texto-digital, instalação e livro-objeto.

Ao acessarmos a obra-texto-digital *Mundo escrito e mundo não escrito*, disponível em <<https://serieartificialdepalabras.com/MUNDO-ESCRITO-e-mundo-nao-escrito>>, poderemos apreciar, na tela do computador, palavras que não são meras transmissoras de conteúdo semântico. Não se trata apenas de lidar com palavras, mas da maneira como elas ocupam o espaço, que não depende só da leitura. É necessário ter em consideração que os espaços existentes entre os grupos formados são tão importantes quanto as palavras. A distribuição dessas escritas se torna performática e exige que a contemplemos, algumas vezes para lê-la e outras para observá-la como matéria, pois seu assunto pode ser um aspecto a mais dessa matéria, prevalecendo sua organização e arranjo no espaço em que está imersa.

A maior parte da preparação do trabalho se dá na plataforma do *site*, onde utilizo as ferramentas de edição para, por exemplo, escolher a tipografia, que é, por assim dizer, o meio pelo qual a escrita é modelada visualmente. Após, seleciono o tamanho da letra e, finalmente, organizo as palavras em colunas. Muitas dessas obras-textos estão em "aberto", sempre em processo. *Mundo escrito e mundo não escrito*, por exemplo, é alimentada com novas palavras à medida em que entro em contato com elas. As listas podem se tornar maiores, tendo em vista que vou acrescentando novos termos. Também é possível que a estrutura de uma obra-texto seja modificada, e assim sua organização se torna temporária, móvel e intercambiável. A escrita torna-se mais leve, reversível, pois está sempre aberta a possíveis ajustes e modificações. Esse é um fator importante na minha produção, pois é recorrente que uma obra-texto sofra adições, subtrações e/ou modificações, fazendo com que alguns trabalhos estejam em constante processo de reelaboração.

Pode-se dizer que a tela do computador exerce, também, a função de suporte; no entanto, "ela não é uma página, mas sim um espaço de

três dimensões, que possui profundidade e que neles os textos brotam sucessivamente do fundo dela para alcançar a superfície iluminada” (Chartier, 2002, p. 31). Essa condição reforça a artificialidade da imagem, “porque la imagen digital es producción continua de falsas presencias [...]” (Martín Prada, 2010, p. 51). Nesse lugar, a imagem só responde a uma visibilidade numérica e virtual.

OBRA TEXTO INSTALAÇÃO

Interessa-me que essas escritas ocupem outras materialidades e saiam da tela do computador para se localizarem em uma superfície palpável. No entanto, a escrita e suas múltiplas formas de “impressão” dão origem a diversas materialidades que não se limitam a uma folha de papel. O migrar para o impresso me levou a observar outras formas de lidar e pensar o objeto. Nessa busca, no final de 2015 me deparei com 118 placas de acrílico transparentes que estavam guardadas, cujas medidas são 17x3x0,5cm cada uma. Decidi, assim, escrever, com caneta corretiva, a lista de palavras da obra-texto-digital na superfície das placas. Meu interesse é provocar “algo” através da leitura das palavras e da transparência do acrílico do material. O curioso é que, sendo o corretivo um líquido para “apagar” erros de escrita e digitação, sua função agora era oposta: fazer surgir, por meio de seu líquido, o desenho das palavras.

A finalização do trabalho resultou em uma instalação de parede que deu origem a uma exposição individual realizada em novembro de 2015 na Galeria Prof. Sebastião Orlando da Silva, na Faculdade de Administração e Artes de Limeira (Figuras 1 e 2).

Em 2018 participei da exposição *Como habitar o desenho*, na Galeria de Arte Leuna Guimarães dos Santos, no Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense, Niterói² (Figura 3). Para essa exposição, decidi refazer o trabalho e optei por comprar acrílico nas mesmas dimensões das placas

² Projeto ligado ao Grupo de Pesquisa Estratégias Expositivas do Desenho em Arte Contemporânea, do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas.



Figura 1 – Instalação, *Mundo escrito e mundo não escrito*.

Fonte: Galeria Prof. Sebastião Orlando da Silva/Faculdade de Administração e Artes de Limeira (2015).

utilizadas na instalação manuscrita e aplicar, dessa vez, a técnica de serigrafia a base de tinta sintética na cor branca.

A escolha da serigrafia para esse trabalho surgiu da intenção de criar uma simbiose entre o gráfico e o objeto. Trabalhar com serigrafia em



Figura 2 – Instalação, detalhe, *Mundo escrito e mundo não escrito*.

Fonte: Galeria Prof. Sebastião Orlando da Silva/Faculdade de Administração e Artes de Limeira (2015).

acrílico permite uma montagem/exposição na qual algumas características particulares do material são exploradas, como limpeza, clareza, transparência e/ou translucidez, que lembram o vidro.

A serigrafia é uma técnica que requer um trabalho mais rigoroso, pois se faz necessário trabalhar com uma impressão na cor preta em acetato



Figura 3 – Instalação, *Mundo escrito e mundo não escrito*.

Fonte: Galeria de Arte Leuna Guimarães dos Santos/Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense (2018).

transparente com as palavras a serem gravadas e, na sequência, transferir essa imagem para uma tela de poliéster para, então, proceder à impressão final nas placas de acrílico. Escolho essa técnica por ser versátil, pela sua resistência em materiais duros e nos não absorventes, como o papel, assim como pela resistência aos agentes de desgaste, seu aspecto texturizado,

No espaço expositivo, as paredes onde as escritas foram instaladas, vistas de longe, aparentavam estar vazias, o que resultava em uma experiência provocativa se pensarmos que o esperado é ter contato imediato com o trabalho. Na medida em que o corpo se aproximava das placas, as palavras, camufladas nas paredes, se revelavam gradualmente (Figura 5). Estou interessada em criar relações de montagem para evocar novas interpretações sobre o ato de ver/ler.

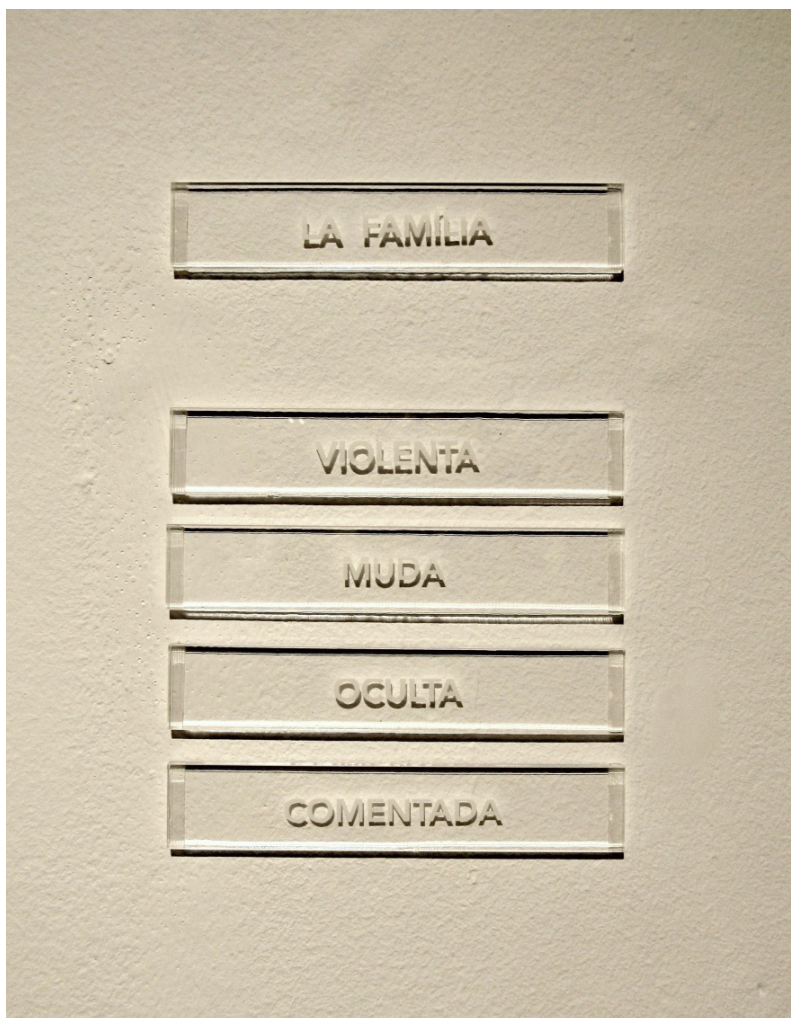


Figura 5 – Instalação, detalhe, *Mundo escrito e mundo não escrito*.

Fonte: Galeria do Instituto de Artes/Universidade Estadual de Campinas (2020).

LIVRO OBJETO

Ao conservar o trabalho manuscrito, procuro outro caminho para ele. Início, então, algumas experimentações na superfície de uma mesa, como, por exemplo, a sobreposição das placas. Ao agrupá-las e empilhá-las por temas, as camadas formadas pelos escritos se tornaram um conjunto ilegível de palavras. Ao compor pilhas de doze placas até que um único bloco fosse formado, a ideia de um livro-objeto surge imediatamente.

Para conter todas essas placas, procurei por uma estrutura que fosse do mesmo material das placas, o que me levou ao encontro de uma caixa em formato especial, cuja dimensão total é de 28,5x18x6,6 cm, que permite uma visualização total do interior, fator que para mim era essencial por fornecer, quando fechado, um acabamento estético importante para a noção de livro, destacando as 108 “folhas” de acrílico (Figura 6).



Figura 6 – Livro-objeto, *Mundo escrito e mundo não escrito*.

Nota: Escrita com caneta corretiva sobre placas de acrílico transparente.

Fonte: Foto de Yuly Marty (2020).

O conteúdo desse livro-objeto é ilegível. Pode-se dizer que a ilegibilidade do texto é condição de visibilidade; ou seja, por estarem sobrepostas, é difícil reconhecer ou interpretar as palavras, porém elas ganham ainda mais destaque graças ao aspecto visual. O trabalho apresenta escritas que podem ser vistas, mas não lidas, já que a sobreposição das palavras torna a tarefa impossível (Figura 7). A expressão abstrata torna-se mais importante



Figura 7 – Livro-objeto, *Mundo escrito e mundo não escrito*.

Nota: Escrita com caneta corretiva sobre placas de acrílico transparente.

Fonte: Foto de Yuly Marty (2020).

do que a legibilidade das letras. Ao utilizar a caligrafia como técnica, meu interesse recai sobre o desenho, pois sua harmonia de proporções cria um movimento acompanhado pela cor branca do corretivo, além de trazer o traço particular que se imprime ao escrever, que evidencia o estilo de cada escrita.

As técnicas de caligrafia e serigrafia usadas nas placas de acrílico são essenciais para refletir a escrita digital que, no computador, se faz mais ligeira. Ao contrário, escrever nas placas de acrílico tem muito mais a ver com “pintar” ou “desenhar” o texto, com base nas rasuras do lápis, ou no fluido da tinta na serigrafia, por exemplo.

Consignada en ese soporte, la imagen, antes un archivo digital, una memoria de proceso, deviene ahora archivo material, memoria de permanencia, imagen-cuerpo para el futuro. Pierde así el carácter de actualidad pura que tenía en la pantalla, aquel “siendo-ahí”, abierto siempre a cualquier modificación, para situarse ahora en la resistencia ante el tiempo (Martín Prada, 2010, p. 52).

Na tela do computador, a escrita pode ser trabalhada em qualquer escala, uma vez que o espaço em que a imagem digital é formada é completamente variável em suas dimensões espaciais. Impressa na placa de acrílico, no entanto, a palavra tem um tamanho específico, o que a faz ocupar um espaço exclusivo. Elas saem da tela para serem fixadas e exibidas num material que possui forma e tamanho específico em uma superfície particular, dotando-se de especificidade como objeto, podendo, assim, funcionar em relação às lógicas espaciais institucionais ao ocupar os espaços expositivos.

No ano de 2020, esses trabalhos participaram da exposição intitulada *Série artificial de palavras*, correspondente à minha defesa de doutorado, que aconteceu na Galeria de Arte do Instituto de Artes (GAIA) da Universidade Estadual de Campinas. Na exposição, com o propósito de integrar as obras digitais ao espaço físico, criei um “QR code” que foi colocado na legenda que acompanhava cada trabalho e através do qual o visitante podia acessar o *site* diretamente de seu celular. Ao disponibilizar o acesso, acionei o trânsito efetivo entre as obras e o espectador, extrapolando o lugar obra-espaço-galeria e, ao mesmo tempo, fazendo com que os visitantes experimentassem diferentes materialidades e linguagens em um mesmo lugar.

OBRA TEXTO, TEXTO OBRA

Como já dito, interessei-me pelo uso de textos pré-existentes para conceber meus trabalhos, pois eles podem ativar nossa memória, construindo relações com nosso entorno e projetando imagens do nosso cotidiano. A proposta de reelaboração e releitura é provocante se pensarmos que, na leitura, a interpretação deriva de um cambio na maneira de pensar, “cada frase deve ser imediatamente compreendida, pelo menos em seu significado literal, e deve tornar-me capaz de formular um juízo: o que li é verdadeiro ou falso, correto ou incorreto, agradável ou desagradável” (Calvino, 2015, p. 106). Na vida cotidiana essa percepção geralmente escapa do nosso entendimento. Pensar que esse julgamento pode ser ativado, por meio da leitura, ao entrar em contato com o trabalho artístico, me parece desafiador. A dificuldade de perceber está, também, relacionada à incapacidade de refletir sobre assuntos do nosso dia a dia, seja de forma voluntária e/ou involuntária ou como efeito, muitas vezes, de uma cegueira arbitrária.

Na minha produção, pensar em como um texto pode ser outro em tempos e contextos distintos, expandindo a transformação da obra para o múltiplo, é uma questão que me interessa, e os pensamentos que proponho surgem de uma relocação contextual que orienta a reflexão sobre as esferas do cultural, do político e do social.

O ler/ver no trabalho artístico não se limita unicamente ao sentido perceptivo nem linguístico, mas também a todo um aspecto formal e conceitual que uma obra apresenta. Isso nos remete a uma escrita e a uma linguagem que, para se constituírem, incorporam elementos gráficos

e plásticos de textos verbais e visuais para serem lidos/vistos em conjunto, originando percepções sensíveis e, conjuntamente, sentidos múltiplos de interpretação.

As interpretações dadas às palavras ou ao conjunto formado por elas, no trabalho artístico, podem operar não só na combinação e encadeamento entre elas, mas também através de uma soma de condições do uso da língua que é adotada como referente. Uma palavra traz consigo circunstâncias específicas que derivam de uma pluralidade de significados e nos transfere para contextos diferentes, pois ela se traduz a cada leitura. Meu interesse reside nas várias relações de significado que são estabelecidas entre elas quando saem da narrativa em que estão imersas para fixar-se no trabalho artístico. Espera-se que a obra desenvolva no observador-leitor uma percepção estética e, ao mesmo tempo, um olhar mais livre no que se refere à compreensão do mundo e sua interpretação ao produzir novos sentidos para imaginar outras realidades.

O trânsito da escrita, desde o ponto de vista do movimento que realizo entre as linguagens utilizadas, mostra a inevitabilidade de uma interpretação subjetiva feita a partir de uma reinterpretação constante da palavra que se expande, modifica e questiona nossa vida diária. Embora possamos estabelecer alguns significados em nosso contexto, eles adquirem importâncias muito diferentes. O ato de ver é sempre seguido pelo ato de interpretar, mesmo que o que lemos esteja em outro idioma. No trabalho, procuro trazer à tona essas experiências através de um jogo de descontextualização e, ao mesmo tempo, me interessa pensar no observador-leitor frente às materialidades dos trabalhos.

[...] hoje enfrentamos um mundo que não é apresentado como um conjunto de coisas a que a linguagem se refere em uma segunda instância, mas é, pelo contrário, em si mesmo, um conjunto de signos. O que chamamos de "coisas" nada mais são que palavras. E, de fato, essa figura da linguagem, esse texto que é o mundo, não é um texto único, mas vários textos sujeitos, por sua vez, a múltiplas interpretações (Gache, 2006, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos apresentados se mesclam, combinam e distanciam, formando um conjunto indissolúvel que reflete o trânsito da palavra escrita que, por um lado, se visualiza na tela do computador e/ou celular e, por outro, utiliza processos gráficos como a escrita manuscrita e a serigrafia. A escrita possibilita reflexões constantes sobre seu significado e sua interpretação, que dependem dos trabalhos em questão, do contexto, do emissor, do receptor, das materialidades e das circunstâncias específicas de constituição, estruturação e apresentação das obras.

O site <www.serieartificialdepalabras.com> nos permite enveredar por outros caminhos para construir um conjunto de relações entre a palavra escrita dentro e fora dele. Essa reflexão se coloca como um ponto crucial para pensar as materialidades onde elas se imprimem e que, no digital, estão sempre abertas a possíveis ajustes e modificações, distanciando-nos dos processos tradicionais de impressão. Juan Martín observa que hoje, em vez de ver, visualizamos, porque visualizar é tornar visível uma imagem em um monitor. Essa construção técnica da visão, como diz o autor, faz com que uma imagem seja transmissível, editável e reutilizável, tornando-a inesgotável, e dessa forma, durável no tempo.

A correlação definida entre os trabalhos é importante desde o ponto de vista das várias correspondências de significado, que se estabelecem ao sair da tela do computador para ocupar outros lugares, reposicionando e revalorizando o banal e o invisível por meio de um exercício ótico que exige que o observador-leitor isole cada elemento e recomponha-o para

descobrir as diferenças e as singularidades. Os caminhos tomados terão um acionar diferente ao entrar em contato com o trabalho, seja no *site*, na instalação ou no livro-objeto. Cada materialidade, cada escrita, origina um sentir particular derivado do conjunto apresentado, seja pelo contato direto com o texto, pela interferência do material ou pela ilegibilidade das palavras.

Observar a espacialidade, as características e a individualidade do lugar como algo que determina a realização do trabalho é um fator de suma importância na minha produção. As relações que estabeleço com a impressão gráfica da escrita desde o digital e o tridimensional estão estritamente ligadas às características e particularidades de cada um dos trabalhos.

Diante da minha prática com a escrita manuscrita e a serigrafia, pude constatar que esses processos gráficos me levam a caminhos distintos onde posso refletir sobre os modos de fazer, o tempo e os resultados alcançados. Na escrita manuscrita, a espontaneidade do traço livre é evidenciada como se a palavra estivesse sendo escrita numa folha de papel. Quando se escreve com um corretivo líquido, há de se considerar o tempo de secagem, pois forma-se uma espessura de tinta que pode ser borrada se tocada. Dessa forma, obtenho uma imagem portadora das marcas do gesto da minha escrita, que desvela o íntimo e a unicidade dos meus traços. Já na serigrafia, é obrigatório seguir um passo a passo na gravação das palavras e respeitar o tempo que cada etapa necessita. No aspecto visual, a diferença em relação à escrita manuscrita é uma textura mais chapada, que desvela o processo tecnológico digital dos caracteres tipográficos escolhidos que são padronizados, possíveis de serem reproduzidos em série.

Tanto no digital quanto no uso de processos gráficos, com suas respectivas particularidades, crio condições que me possibilitam refletir sobre as materialidades e/ou imaterialidades da escrita, pois, seguindo o pensamento de Compagnon, toda escrita é a ocupação de um espaço que não se reduz a um suporte linear, plano ou espacial. A visibilidade dada à palavra escrita no meu trabalho, sem dúvida, também recai na relevância entregue aos meios onde ela é colocada.

REFERÊNCIAS

Bourriaud, N. *Radicante, por uma estética da globalização*. Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Calvino, I. *Mundo escrito e mundo não escrito*: artigos, conferências e entrevistas. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Chartier, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

Gache, B. *Escrituras nômades*. Espanha: Ediciones Trea, 2006.

Linker, K. Le livre d'artiste comme espace alternatif: 1980. *Nouvelle Revue d'Esthétique*, v. 2, p. 13-17, 2008. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-nouvelle-revue-d-esthetique-2008-2-page-13.htm?contenu=article>. Acesso em: 16 jul. 2020.

Martín Prada, J. La condición digital de la imagen. In: Vicerrectorado de Extensión; Universitaria Universidad de Extremadura (org.). *Catálogo premios de arte digital*: Universidad de Extremadura. Cáceres: Grupo Mancort Comunicación, 2010. p. 41-53. Disponible en: https://www.juanmartinprada.net/textos/martin_prada_j_la_condicion_digital_de_la_imagen_2010.pdf. Acceso en: 19 jul. 2020.